



Oliveira RNG, Fonseca RMGS. Gênero como aproximação possível para a compreensão e intervenção no fenômeno da violência contra as mulheres. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 17, 2013 jun 3-5. Anais. Natal: Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio Grande do Norte, 2013 [disponível online]

1- Introdução

Há mais de duas décadas, a categoria gênero foi apropriada pelo campo da saúde e vem sendo utilizada como importante ferramenta de análise da determinação dos fenômenos da vida de mulheres e homens. Enquanto categoria elaborada pelo feminismo, depois agregada à academia, intrinsecamente, carrega em si a politicidade e o compromisso com as transformações sociais relacionadas às mulheres, assim como um novo olhar sobre as relações de poder estabelecidas entre mulheres e homens, homens e homens e mulheres e mulheres.

A pertinência da discussão sobre a categoria gênero como central para compreender e intervir frente à violência contra as mulheres se baseia no pressuposto que, na hierarquia de poderes presente na sociedade, a mulher sempre ocupou posição social inferior, em virtude das desigualdades construídas e naturalizadas historicamente. Desse modo, embora as relações de poder tenham-se modificado, ao longo da história, no âmbito social e do Estado, a realidade estrutural ainda está distante da equidade entre os sexos e, no âmbito do espaço privado, as desigualdades são reproduzidas e permanecem os pequenos exercícios de poder, a exemplo das violências domésticas.

A desigualdade de gênero tem comprometido sobremaneira a qualidade de vida das mulheres ao se apresentar transversal a todos os aspectos da realidade, autorizando e legitimando a opressão que se manifesta nas diversas violências de gênero traduzidas em violência física, emocional e social, realizadas de diferentes modos. Em oposição a essa realidade, a igualdade de direitos entre os sexos é uma possibilidade muito recente, inscrita nas lutas pela emancipação e pelo reconhecimento dos direitos das mulheres como direitos humanos, aspirações que, mesmo nos dias atuais, ainda não é realidade.

Assim, o modo dominante de explicar as relações de gênero tem base na historicidade das Instituições e dos modos de vida social que permitiram a explicação do universo feminino através da abordagem, sobretudo, biológica, em uma interpretação que atende a interesses sociais dominantes. A esse discurso opõe-se aquele que afirma que a humanidade do ser humano é socialmente construída nas relações sociais. Tal compreensão do mundo pressupõe que todos os fenômenos sociais sejam produtos da ação humana e possam ser por ela transformados.

Assim, a perspectiva de gênero tem permitido, aos pesquisadores, enfrentar o desafio de repensar as desigualdades nas relações produzidas entre os sexos à luz da produção e reprodução dos diferentes contextos sociais e históricos, nos quais a submissão e a desigualdade contribuem para determinação e manutenção da violência de gênero.



Assim, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a perspectiva de gênero na pesquisa para a compreensão e intervenção no fenômeno da violência. Para tal, a discussão foi delineada em duas etapas: a primeira, a categoria gênero e sua relação com a determinação da violência, o processo saúde doença das mulheres e as práticas no campo da saúde. Em seguida, será abordada a perspectiva de gênero na pesquisa em enfermagem e sua politicidade intrínseca para a compreensão e intervenção no fenômeno da violência.

2- Gênero, violência e o processo saúde doença das mulheres

A perspectiva de gênero é intrínseca à análise da violência contra as mulheres, uma vez que, dentre os fenômenos da vida das mulheres determinados pelo gênero, a violência manifesta-se como um dos seus aspectos, entre os mais perversos. Num plano de maior abstração, a violência contra as mulheres é resultado de relações de dominação construídas ao longo da história pela desigualdade de gênero e naturalizadas por uma ideologia de dominação masculina.

A violência de gênero, embora consista em um fenômeno relacional entre homens e mulheres, incide principalmente sobre as mulheres sendo sobre elas que recaem suas manifestações mais graves. Essa problemática permite argumentar que gênero é uma categoria sociológica capaz de abranger a análise dos fenômenos da vida das mulheres, nos quais a violência assume um papel significativo.

Na atualidade, a contradição de gênero é uma das quatro grandes contradições da sociedade, sendo as outras três, a de classe, a de etnia e a de geração. A dominação masculina foi-se produzindo tendo gênero como pano de fundo, mesclando-se com o racismo e, com o advento do capitalismo, as classes sociais floresceram e valorizaram as gerações de maneira diferenciada. As contradições decorrentes da produção dessas categorias constituem uma realidade regida por uma lógica igualmente contraditória, reproduzida, por exemplo, em relações de dominação fundamentadas nas desigualdades, a exemplo da violência contra crianças e mulheres (Oliveira, 2011).

Essa lógica mantém-se por meio de interesses sociais naturalizados, constituindo, na atualidade, uma espécie de ideologia que subverte a compreensão da realidade essencial do humano e interdita a igualdade no âmbito da diversidade, de modo que grupos sociais desfavorecidos são vitimizados por violências perpetradas com base nas relações desiguais de classe, de gênero, geração e etnia, interrelacionadas em uma trama social complexa, umas potencializando as outras.

3- A perspectiva de gênero na pesquisa em enfermagem para a compreensão e intervenção no fenômeno da violência.

Falar sobre a perspectiva de gênero e a construção de conhecimentos em saúde e enfermagem implica no desenvolvimento da discussão em torno de dois aspectos fundamentais: o **primeiro** diz respeito à pesquisa como ferramenta de construção do saber instrumental norteador do trabalho em saúde, do qual faz parte a identidade de gênero como dimensão do saber ser ético-profissional. As concepções e os saberes que fundamentam as práticas profissionais refletem uma ideologia, uma tradição consolidada estruturalmente no campo da saúde. Assim, tanto as concepções



sobre gênero, violência e processo saúde-doença, quanto os processos de trabalho operacionalizados nos serviços de saúde são determinados e também determinantes dos contextos histórico e social em que se produzem e que reproduzem.

Portanto, o trabalho pode qualificar a assistência em saúde a partir dos saberes e técnicas que veiculam as ideologias no sentido de reproduzir as condições de dominação ou agir no sentido de transformá-las. Muitas vezes, os serviços reproduzem a violência, ou porque naturalizam, ou porque revitimizam as mulheres que buscam assistência, quando reiteram e naturalizam a opressão, sendo contra-produtivos aos usos do trabalho também como instrumento de emancipação social.

Assim, quando não cristalizadas na posição de vítima, porque frágeis e inferiores, as mulheres são compreendidas como provocadoras da violência por não obedecerem referenciais impostos socialmente, como fidelidade, passividade e submissão.

Além disso, estudos constataam que ao saber instrumental mobilizado no cotidiano do trabalho em saúde estão agregadas fortes marcas da lógica androcêntrica hegemônica, reiteradora da subalternidade feminina e resultante da construção identitária de gênero de homens e mulheres profissionais de saúde. Assim como a identidade de gênero dos profissionais perpassa as práticas em saúde, a vivência de violência por mulheres, profissionais de saúde entrevistadas também é revelada nos estudos sobre a temática, influenciando as práticas (Oliveira, 2011, Andrade, 2009, Oliveira, 2005).

O **segundo** aspecto diz respeito à politicidade intrínseca da perspectiva de gênero e sua relação com a pesquisa enquanto instrumento de intervenção na realidade e transformação social.

Ao falar sobre transformação, a pesquisa na perspectiva de gênero é permeada pelo envolvimento da subjetividade do pesquisador e dos sujeitos de pesquisa. A categoria gênero, embora seja social, histórica e política, carrega consigo e traz para o âmbito da saúde a questão da construção da identidade subjetiva, não no sentido do julgamento e da produção de vieses e sim na perspectiva de pesquisadores, homens e mulheres, analisarem criticamente construções que muitas vezes fazem parte de sua própria identidade, fazendo com que, ao possibilitarem transformações na realidade, transformem-se a si mesmos.

O compromisso social da pesquisa em enfermagem com as transformações sociais pressupõe que essa transformação seja extensiva à sociedade, pela construção de conhecimentos e desenvolvimento de estratégias de intervenção, o que é possível de ser realizado desde o momento de realização da pesquisa. No Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, as Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatórias (OTC) têm constituído importante contribuição do grupo por aliar coleta e análise de dados à reflexão e ao fortalecimento dos sujeitos de pesquisa, promovendo aliar pesquisa à intervenção (Fonseca et al. 2011).

A Oficina de Trabalho tem se mostrado um potente instrumento porque sua aplicação fortalece e empodera os pesquisados, levando-os a refletir sobre os fenômenos como inerentes às condições de homens, pais, agressores, mulheres, mães,



trabalhadoras, vítimas (Fonseca et. al, 2011).

Portanto, ao constatar espaços de reiteração da subalternidade de gênero, de naturalização da violência, de práticas medicalizadas que limitam as possibilidades de trabalho em saúde enquanto instrumento de emancipação e promoção da autonomia, é imprescindível a promoção da crítica para a sua desconstrução e transformação.

A produção do Grupo de Pesquisa *Gênero, Saúde e Enfermagem* revela que o aprofundamento da compreensão dos fenômenos sociais sob a ótica de gênero tem trazido avanços no âmbito da pesquisa e da intervenção. Tem se mostrado capaz de relevar limites e as potencialidades das práticas de saúde e enfermagem. Como limites, o saber tradicional tem sido predominante, mantendo-se veiculado a ideologias opressoras. Como saber instrumental, tem orientado as práticas profissionais vigentes, apesar da existência do novo modelo de assistência à saúde integral e equânime proposto pelo SUS. A utilização da perspectiva de gênero pode ser vista como práxis norteadora da atenção à saúde, transformando a visão sobre a realidade e as intervenções para superar suas contradições (Fonseca et al, 2011).

São estes avanços que têm fortalecido a constituição de um campo de estudos inovador e contra hegemônico, por descortinar questões historicamente invisibilizadas, por ser predominantemente construído por mulheres e por buscar analisar e desconstruir verdades socialmente estabelecidas.

4. Considerações finais

Considerando a importante contribuição dos estudos feministas na construção do conhecimento sobre violência em sua base epistemológica e metodológica, a perspectiva de gênero é potente mobilizadora de quatro aspectos centrais para a construção do conhecimento enquanto prática social da enfermagem: o primeiro diz respeito à compreensão da historicidade da situação social das mulheres e desnaturalização da opressão feminina no âmbito das práticas em saúde; o segundo, diz respeito ao reconhecimento das diferenças para pensar na prática da equidade como princípio norteador das práticas em saúde para a qual a equidade de gênero é pressuposto fundamental; outro aspecto importante diz respeito à prática profissional enquanto instrumento de promoção da autonomia das mulheres, tendo em vista o compromisso profissional com as transformações sociais; por último, o olhar generificado de profissionais de saúde homens e mulheres para os fenômenos da realidade, partindo do conhecimento sobre a sua própria subjetividade na construção da identidade de gênero, que influencia os limites e possibilidades de suas práticas frente ao fenômeno da violência.

A violência de gênero já é fenômeno mundialmente reconhecido como questão de saúde e sua magnitude é significativa nas diversas culturas e em diferentes contextos e classes sociais. Para além do diagnóstico e compreensão, a pesquisa em violência deve promover possibilidades de transformação. No Brasil são escassos os estudos que tratam sobre a prevenção e enfrentamento do fenômeno. Desse modo, ao falar em enfermagem enquanto prática social, enquanto profissão que carrega em si uma considerável relação com a historicidade da inserção social das mulheres, é proposto o desafio prático, intrínseco à área da saúde e à perspectiva de gênero.



Assim, é importante a não transformação da incorporação da perspectiva de gênero no âmbito da saúde em mais uma versão banalizada de assistência à saúde das mulheres que as torne cada vez mais dependentes da ciência e da medicalização do corpo. Assim, consideramos a equidade de gênero como um conceito ético, cuja concretização nas práticas é premente. Essa perspectiva ainda deve ser associada aos princípios de justiça social e de direitos humanos que não implica em desmerecer ou desvestir de direitos os homens para privilegiar as mulheres (Fonseca, 2005).

A superação das contradições relacionadas à violência de gênero implica rever a prática profissional, posto que, na perspectiva da emancipação da opressão das mulheres, o saber crítico sobre a violência e sua relação com a saúde como consequência da situação de opressão que a abordagem de gênero encerra, constitui um de seus elementos, um dos instrumentos que deve orientar todo o trabalho das práticas profissionais nessa área e que deve ser objeto das investigações na área da saúde.

Assim, a pesquisa na perspectiva de gênero informa uma qualidade (um saber sobre os seres humanos e sobre a sociedade) que se deve agregar ao cotidiano das práticas profissionais em saúde para confirmar ou negar o caráter transformador da assistência em vigor. Essa perspectiva, que não se encerra no conhecimento puramente acadêmico, trata-se de uma perspectiva ética e política, que pressupõe conhecer para transformar e compreende a saúde das mulheres a partir de uma perspectiva emancipadora.

Referências

- Andrade CJM. As equipes de saúde da família e a violência doméstica contra a mulher: um olhar de gênero [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2009.
- Oliveira CC, Fonseca RMGS. Práticas dos profissionais das equipes de saúde da família voltadas para as mulheres em situação de violência sexual. Rev. Esc. Enferm. USP 2007; 41 (4): 605-612.
- Fonseca RMGS. Equidade de gênero e saúde das mulheres. Rev. Esc Enferm USP. 2005; 39(supl 4):450-459
- Fonseca RMGS, Guedes RN, Zalaf MRR, Venâncio KCMP Pesquisa de gênero na produção de enfermagem: contribuição do Grupo de Pesquisa Gênero, Saúde e Enfermagem da EEUSP. Rev Esc Enferm USP 2011; 45(Esp. 2):1690-5

Rebeca Nunes Guedes de Oliveira. Enfermeira. Doutora em Ciências. Pós-doutoranda do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca. Enfermeira. Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Pesquisadora 1D do CNPq. Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas da Associação Brasileira de Enfermagem